

# OS DIFERENTES TIPOS DE BRINCAR NA INFÂNCIA: REFLEXÕES DAS NARRATIVAS ACADÊMICAS

Marcelo Evandro de Sousa Lopes <sup>1</sup>

Marcos Antonio do Nascimento<sup>2</sup>

Luana do Nascimento Batista<sup>3</sup>

Leticia De Aragão Monção<sup>4</sup>

Railane Bento Vieira Saboia <sup>5</sup>

## INTRODUÇÃO

A infância configura-se como uma fase bastante importante do desenvolvimento humano a qual, em nossa sociedade contemporânea, encontra-se sempre vinculada ao ato de brincar, que por sua vez é um instrumento fundamental de comunicação que possibilita as crianças interagir consigo mesma e com o meio no qual convive, além de promover a socialização entre seus pares e a reprodução do seu cotidiano mediante essa prática.

Desse modo, o ato de brincar constitui-se necessário durante a infância na medida em que proporciona o processo de construção da criatividade, autonomia e aprendizagem das crianças, como também seu desenvolvimento de forma integral em todos seus aspectos físico, social, afetivo, cognitivo e emocional, em vista de que, por meio das brincadeiras, esses atores sociais são capazes de compreender e resolver seus conflitos e limitações.

Em consequência da excelência e complexidade do brincar para o desenvolvimento infantil, o estudo proposto apresenta-se relevante para contribuição ao mundo acadêmico ao agregar informações acerca da compreensão sobre a importância das brincadeiras durante a infância, mas especificamente sobre os diferentes tipos e formas nas quais as crianças exercem essa prática, trazendo um olhar reflexivo ao considerar o brincar uma atividade imprescindível e essencialmente educativa.

Diante disso, o presente estudo foi realizado mediante análises de narrativas autobiográficas sobre a infância de acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, sede Sobral, Ceará, tendo como propósito investigar as brincadeiras e práticas lúdicas exercidas pelos mesmos durante essa fase de seu desenvolvimento, objetivando conhecer e significar os diferentes tipos de brincar presentes em seus relatos, mediante fundamentação teórica estruturada a partir de autores como Smith (2006), Wajskop (1995), Silva e Machado (2015), entre outros, que contribuem com esse processo reflexivo.

## PASSOS METODOLÓGICOS

O norte metodológico desse estudo guiou-se pela abordagem qualitativa, que segundo Gerhardt & Silveira (2009), esse tipo de pesquisa preocupa-se com aspectos da realidade que

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, marceloevandro96@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, marquinhosns1998@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, luanabat31@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, Leticiacarmosina@gmail.com

<sup>5</sup> Professora Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar e Pedagoga do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, railanebento@gmail.com.

não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”.

Tendo como foco a compreensão do fenômeno mediante abordagem qualitativa e a obtenção de dados que interessam à investigação, utilizamos também como método as narrativas na perspectiva autobiográfica que segundo Silva e Machado (2015, p.26) “destaca a importância de um sujeito/ator/autor de sua história de vida, sobretudo enquanto porta-voz dos problemas e anseios de grupos sociais onde atua, visto que essas modalidades/abordagens de pesquisa [...] alcançam as pessoas de forma global”, que vai concomitantemente de encontro com as dinâmicas socioculturais.

O lócus da pesquisa situou-se no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA a partir da disciplina Brinquedos, brincadeiras e práticas lúdicas, tendo como sujeitos dois acadêmicos monitores da disciplina que aceitaram participar da proposta de escrever uma narrativa sobre suas memórias do brincar na infância, destacando os brinquedos e brincadeiras que tiveram oportunidade de vivenciar.

Desta forma utilizamos como instrumento de pesquisa a narrativa escrita e espontânea dos sujeitos participantes e após, análise dos textos procurando identificar trechos relevantes para reflexão e discussão teórica. É importante enfatizar que a narrativa seja ela escrita ou oral, se configura como “um processo refletido, organizado e coerente” para o sujeito participante, “gerando como produtos memórias de vidas refletidas e significativas” que podem fazer “marcas formativas em outras pessoas” (SILVA; MACHADO, 2015, p.25).

## **REFLEXÕES SOBRE O BRINCAR NA INFÂNCIA**

Em vista do brincar está associado a uma nova concepção de criança que foi construída a partir das transformações no ideal de infância durante o processo histórico, Wajskop (1995) vem conceituar essa prática como uma atividade mental, uma forma de interpretar e sentir determinados comportamentos humanos, devendo ser considerada como uma representação de determinadas atividades infantis, explicitadas pela linguagem num determinado contexto social.

Nessa perspectiva, o brincar se institui como um aspecto social referente à determinada imagem de criança e brincadeira de uma comunidade ou grupo específico (WAJSKOP, 1995), isto é, o brincar é uma prática múltipla que recebe variações dependentes do contexto social ou histórico em que se encontra vinculadas.

Diante disso, Smith (2006), embasado nas ideias de Piaget, vem caracterizar o brincar mediante faixa etária das crianças, distinguindo entre brincar prático, que inclui o brincar sensorio motor particular de bebês de 6 meses aos 2 anos; o brincar simbólico, que abrange o faz-de-conta, a fantasia e as brincadeiras sociodramáticas, são mais presentes em crianças de 2 ou 3 anos até os 6; e os jogos com regras frequentes entre crianças de 6 ou 7 anos de idade.

Assim sendo, a ação do brincar não deve ser considerada apenas um passatempo, ou simplesmente diversão, mas um momento de descobertas e aprendizagens para as crianças já que segundo Wajskop (1995) a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil, uma vez que, ao brincar, o desenvolvimento das crianças pode alcançar níveis mais complexos devido as possibilidades de interação entre seus pares em uma situação imaginária e a negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

## **AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

As pesquisas autobiográficas relacionadas à História da Educação ou a formação docente vem ganhando força, por possibilitar ampliar as questões teórico-metodológicas, trazendo a visibilidade através de outras fontes, outros olhares, isso porque se procura através das narrativas autobiográficas a apropriação da “autobiografia e da história de vida na qualidade de metodologia que privilegia e se sustenta em narrativas e testemunhos sobre a própria vida, sobre si, com o objetivo de apresentar aspectos da trajetória pessoal de um sujeito autobiografado”(SILVA; MACHADO, 2005, p.28).

È neste contexto, que se procura desvelar aspectos de sua existência, como valores, crenças, desejos, entre outros, onde se assume a postura de “intérprete de si”, no que se refere a reflexão sobre a trajetória pessoal e o sentido atribuído à vida e ao seu meio. Sendo esta a condição de se perceber com sujeito que pensa e reconstrói sua própria história, a sua subjetividade, atribuindo significados as suas experiências e fatos narrados (SILVA; MACHADO, 2015).

Nóvoa e Finger (1988, p.116) defendem que o método autobiográfico e as histórias de vida interagem entre si, na procura de “repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ ”.

Contudo, falar de formação docente é também retatar todo o percurso formativo do sujeito, seu processo de escolarização, suas memórias, seus significados, é fazê-lo refletir sobre toda a sua trajetória nas suas diferentes fases de vida, dando sentido a tudo que foi vivido e percebendo-se como protagonista da história vivida e daquelas que virão. Por isso, neste trabalho procuramos nos remeter as memórias de infância, especificamente as brincadeiras e os brinquedos que os acadêmicos tiveram, utilizando-se como método as narrativas autobiográficas, para que estes percebam a importância destas experiências em sua formação pessoal e profissional e que o vivido faz parte da referência e da essência da pessoa e educador que existe dentro de cada um.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das narrativas sobre a infância dos acadêmicos investigados é notório a presença do brincar simbólico entre algumas das brincadeiras retratadas, como a escolinha, que é uma brincadeira de faz de conta, onde uma criança é o professor e os colegas alunos, geralmente as crianças tentam ressignificar essa experiência cotidiana na brincadeira e a casinha que também se reproduz a vida real de uma família. Conforme destacamos a fala a seguir: “Lembro bem que eu e minhas primas tínhamos uma casinha de palha nos fundos da casa do meu avô, no meio do mato, que tinha bonecas de palha de milho, panelinhas de barro [...]”(Acad.2).

Smith (2006) vem conceituar este tipo de brincadeira como o brincar sociodramático, porque envolvem duas ou mais crianças que dramatizam e desempenham um papel específico no intuito de reproduzir fatos de seu cotidiano. Sobre isso, Brougère (1963, apud WAJSKOP, 1995, p.65) vem reforçar que o brincar é uma atividade mental, em que a criança pode experimentar e sentir diferentes comportamentos e atitudes humanas. Por isso, que determinada idade da criança se presencia bastante o brincar de faz de conta.

Percebemos também nas narrativas, a presença de brincadeiras livres como o correr, subir em árvores, gangorra, pular corda, pega-pega, pescaria, escorregar e balançar-se, alguns explícitos na fala “[...] pois adorava ir para a casa do meu avô, que ao chegar lá corria para os matos, tomar banho de rio, cachoeira, subir em árvore, pescar e caçar”(Acad.2), estas brincadeiras fazem parte do conjunto de práticas que Smith (2006) define como o brincar de atividade física que envolve a musculatura ampla e possibilita a interação social da criança,

como também abordada na fala do acadêmico 1 que relata que ao mudar para uma nova casa, conheceu novos amigos que possibilitou novas brincadeiras: “[...] Costumávamos brincar na praça do bairro, onde ficávamos até tarde nos brinquedos do parquinho que havia próximo. Adorávamos brincar no escorregador, na gangorra, e nos balançadores”.

Além disso, as brincadeiras citadas acima fazem parte de um determinado contexto cultural, que podem variar de região para região, que segundo Curtis (2006), as percepções e as expressões do brincar estão estreitamente associadas as crenças e valores sociais, sendo ainda expressão da própria cultura.

Nesta perspectiva cultural, são citados alguns jogos, como pau na lata, garrafão, João ajuda, carimba, pique-esconde e bolinha de gude, de acordo com a seguinte fala: “Meus pais trabalhavam muito [...] e quando chegavam do trabalho eu aproveitava para brincar um pouco de pau na lata, João ajuda, trepa-trepa, carimba, entre outras” (Acad.1), estas constituem a categoria dos jogos com regras conforme afirma Smith (2006) que caracteriza as atividades de crianças de 6 ou 7 anos e que não deixam de ser essenciais para o processo de desenvolvimento e interação na infância.

É importante explicitar como acontecem essas brincadeiras tipicamente culturais, o pau na lata, por exemplo, é um jogo competitivo que se usa dois pedaços de madeira e duas garrafas pet, o objetivo é não deixar a dupla adversária atingir sua garrafa, arremessando a bola o mais longe, ganha a dupla que completar os 100 pontos primeiro. O carimbo, também chamado de queimada, é um jogo coletivo, onde o grupo é dividido em duas equipes, cujo objetivo é atingir com uma bola os integrantes do grupo adversário, tem como objetivo eliminar todos os participantes do grupo adversário.

O Pique-esconde, é escolhido um participante que irá fazer a contagem de 1 a 30, por exemplo, enquanto os demais se escondem, o jogo termina quando todos são encontrados. O jogo de bolinha de gude é uma competição que consiste em cavar três buracos em filas, com certa distância entre eles, começa o jogador que colocar a bolinha no buraco mais distante, ou o que chegar mais perto, se acertar, continua, passando para outro apenas quando errar. O objetivo é acertar os buracos numa sequência de ida e volta.

Todas essas brincadeiras, com aspectos de jogo, possuem regras, que são estabelecidas pelo grupo que participa. Segundo Huizinga (2001) o jogo possui regras consentidas livremente, porém obrigatórias, dotadas de um propósito, acompanhadas de tensões e alegrias ao mesmo tempo na consciência e interação do brincar cotidiano.

Desta forma, Wajskop (1995) defende que as brincadeiras tornam-se espaços privilegiados onde as crianças buscam resolver a contradição entre liberdade da brincadeira e a submissão as regras por elas estabelecidas, determinando o limite entre a realidade e seus próprios desejos, desenvolvendo nesse processo, aquilo que Vygotsky denomina autocontrole.

A confecção de brinquedos como pião e boneca também estão presentes nas narrativas, mas especificamente na fala “Devido às condições econômicas da minha família, não fui uma criança de possuir muitos brinquedos, mas os poucos que tinha eu os adoravam como um sapinho de pelúcia [...] e outros que confeccionava como pião e a boneca Emília.” (Acad. 1), acaba sendo característica do brincar construtivo que segundo Smith (2006) nessa categoria de brincadeira os objetos são manipulados com a intenção de construir ou criar algo, o que acaba favorecendo no desenvolvimento cognitivo e a formação de conceito na criança além de praticar as habilidades motoras finas.

O brinquedo, segundo Vygotsky (1998) e Piaget (1998) estimula a representação de imagens semelhantes a realidade e favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral, uma vez que a criança pode através do brinquedo representar aspectos de seu comportamento além do habitual.

No entanto, nos chama atenção nos relatos que os brinquedos usados por eles, em sua maioria eram de materiais improvisados, simples ou até mesmo construídos por eles, como

nos relatou o acadêmico 1, mas que independentemente do objeto, as brincadeiras aconteciam de forma divertida, o que Curtis (2006) vem reforçar, que não é necessário materiais associados ao brincar na nossa cultura para que ocorra a boa representação do brincar.

Percebe-se também nas falas dos acadêmicos que as brincadeiras se configuram no espaço social, geralmente de forma coletiva e fora do contexto da escola. Isto nos traz uma reflexão, do quanto a escola ainda se encontra distante do universo da criança, no tocante ao brincar, geralmente quando acontecem neste espaço as brincadeiras, são durante o recreio pelas próprias crianças, porém como propósito educativo pelos professores, raramente se presencia tal atividade.

Moyles (2006, p.12) explica que isso acontece, porque para os professores e gestores, existem dilemas sobre o currículo nacional, ou até mesmo local, que “é um modelo coercivo de poder”, em que se valoriza “uma visão mecanicista” considerando crianças e professores apenas pelo o que eles “produzem” e não por si mesmos, o que coloca o brincar em confronto direto com o modelo de currículo que também se configura como modelo “econômico” direcionando as atividades educativas para os aspectos quantitativos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as narrativas dos acadêmicos investigados e a leitura dos teóricos é notória a importância e a necessidade do comportamento do brincar para os pequenos a medida que as brincadeiras são atividades, maioritariamente de cunho social, úteis para a aquisição de um desenvolvimento integral das crianças em todos seus aspectos ao proporcioná-las a busca da resolução de seus conflitos e limitações, assim como, a reprodução de suas vivências e a compreensão do mundo ao seu redor.

As contribuições relativas ao estudo proposto favorecem uma reflexão acerca das brincadeiras e dos tipos de brincar, uma vez que se torna necessário desconstruir a ideia de que essas ações são meramente diversão e começarmos a compreendê-las numa perspectiva mais ampla, como atividades imprescindíveis para o desenvolvimento infantil. Assim, não pretendemos esgotar essa temática, mais ampliar a sua discussão e os seus horizontes através de futuras pesquisas realizadas no cenário acadêmico.

Defendemos aqui, a importância do brincar não somente em aspectos sociais, mas também em caráter educativo e que estas atividades estejam mais presentes no contexto escolar, pois um currículo que desconsidera a essência da criança, deixa também de atender a sua principal necessidade que é o brincar, inclusive desconsiderando seu próprio contexto e cultura tão defendido nos documentos legais da educação.

**Palavras-chave:** Brincar, Narrativas, Infância, Formação docente.

## REFERÊNCIAS

CURTIS, A. O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias. *IN*: MOYLES, J. [et.al.]. **A excelência do brincar**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 26 de jul/2019.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2001. 243 p.

MOYLES, J. **A excelência do brincar** [et. al.]. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SMITH, P. K. O brincar e os usos do brincar. IN: MOYLES, J. **A excelência do brincar** [et. al.]. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 25-38.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem, desenvolvimento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1998.

WAJSKOP, G. O brincar na Educação Infantil. **Cad. Pesq.** São Paulo, n.92, p. 62-69, fev. 1995. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/859>>. Acesso em: 10.Dez. 2018.